

## Resenha

### FILHO, Mario: *O negro no foot-ball brasileiro.* Rio de Janeiro, 1947<sup>1</sup>.

A decisão de resenhar esse livro surgiu no decorrer da leitura, bastante particular, que, enquanto professor de Educação Física, fazia dessa obra. A idéia de sintetizar as 295 páginas escritas por Mario Filho carrega consigo a intenção de socializá-las, aproximando acadêmicos, professores de Educação Física e amantes do futebol do vasto e interdisciplinar conteúdo nelas presente.

Utilizando-se de fontes, como jornais, revistas, entrevistas e conversas com pessoas diretamente envolvidas com o assunto, Mario Filho conseguiu fazer de seu livro um verdadeiro marco para a história do futebol brasileiro, com atenção especial para o futebol carioca.

A meu ver, duas questões maiores, que constantemente se cruzam na obra, permeiam a trajetória e o método escolhidos pelo autor: a problemática do *racismo*, que envolve a discriminação, a aceitabilidade e a ascensão do negro em nosso futebol, e o processo de *profissionalização* desse esporte. Para concretizar seus objetivos, o autor divide o livro em quatro grandes partes: I - Raízes do saudosismo; II - O campo e a pelada; III - A revolta do preto; IV - A ascensão social do negro.

Além das questões diretamente referentes ao negro e à profissionalização do futebol, o livro também é rico em curiosidades gerais, destacando-se histórias específicas, atitudes, comportamentos e boatos referentes aos nossos craques mais conhecidos; entre outros: Fausto, Leônidas, Domingos da Guia, Friedenreich, Manteiga, Feitiço, Petronilho, Marcos de Mendonça. As curiosidades gerais e o registro de detalhes sutis estendem-se também aos acontecimentos referentes às disputas de vários campeonatos cariocas e aos embates ocorridos entre os times da elite e os ti-

mes populares, pioneiros em aceitar negros em seus planteis. Enfim, inúmeros acontecimentos estão brilhantemente registrados no corpo do livro. A seguir, irei expor alguns episódios abordados pelo autor.

No capítulo "Raízes do saudosismo", o autor se preocupa, entre outros fatos, em mostrar as fortes marcas da elite inglesa presentes na origem de nosso futebol. Essas influências explicitam-se, por exemplo, nos termos, na linguagem característica dos jogos. "No foot-ball, importado, *made in England*," predominava um vocabulário onde os diálogos em campo travavam-se em inglês, assim como em inglês eram nomeadas as posições dos jogadores. Nessa época, um time era composto pelas seguintes posições: *goal-keeper*, *Full-back-right*, *full-back-left*, *half-back-right*, *center-half*, *half-back-left*, *winger-right*, *inside-right*, *center-forward*, *inside-left*, *winger-left*. Além das posições dentro de campo, a presença da língua inglesa fazia-se presente também junto à arbitragem: "o juiz era o *referee*, transformado em *referi* ou *réfé*; o bandeirinha era o *linesman* (1947, p.15-16).

Com o passar do tempo e o crescimento rápido do futebol junto à população pobre, alguns pequenos clubes, apesar de continuarem sendo hegemonzados pela cultura inglesa, começaram a aceitar a presença de negros e operários em suas equipes, como foi o caso do The B angu Athletic Club, do Rio Cricket, do Paysandú, do Guanabara. Esse gesto, realizado apenas por pequenos clubes localizados nos bairros populares e morros, inicialmente pouco incomodou os grandes clubes, talvez porque "assim se via melhor a diferença que havia, não entre brancos e pretos, mas entre clubes. Clubes de bairros, de subúrbios, da zona sul e da zona norte. Grandes e pequenos, cada um ficando no seu lugar, conservan-

do a distância. Sem tentar nem se aproximar" (1947, p.31).

A explicitação das diferenças sociais, de quem é quem, do lugar que cada um ocupa, não se restringiu apenas ao fato de pertencer a este ou àquele clube; estendeu-se para dentro dos próprios estádios, materializando-se na distribuição e organização dos espaços: a geral era para as pessoas pobres e humildes; a arquibancada, para os torcedores de famílias nobres, para as moças com seus lenços bordados e belos leques. Era este "o lugar mais cheio de chapéus, chapéus enormes, pesados, mas que pareciam leves, muitas flores, frutas, plumas, as célebres pleureuses" (p.36).

Para preservar a diferença entre os frequentadores das arquibancadas e os ocupantes das gerais para além dos momentos dos jogos, existiam alguns códigos, símbolos que serviam de identificação. Um código de identificação que se tornou bastante famoso foi o uso de fitas com as cores dos clubes em volta do chapéu de palha. Vinham sob encomenda direto da Europa e "só os sócios, os torcedores graduados, gente de dentro, é que podiam enrolar a tal fitinha no chapéu de palha" (1947, p.32).

Nesse capítulo, o autor destaca também que, apesar de alguns mulatos, negros, ou brancos pobres terem sido aceitos em determinados times grandes, isso não significou o fim da discriminação. Esses jogadores eram casos isolados e não ofereciam nenhuma ameaça à supremacia branca, típica daquele momento.

Como exemplo de casos isolados de jogadores mulatos que atuaram nos grandes clubes nessa época, destaca-se Artur Friedreich. Este, apesar de ser "um meio mulato" de classe média e possuir olhos verdes, antes de entrar em campo ficava horas alisando seu cabelo farpo e duro para disfarçar seus traços de negritude. Outro jogador que também ficou conhecido por tentar esconder sua origem negra foi Carlos Alberto. Oriundo do segundo time do América, onde praticamente ninguém observava sua cor, ao chegar ao Fluminense, time da mais alta sociedade, Carlos Alberto logo sentiu que poderia ser discriminado pela sua cor mulata, assim enchia seu rosto de pó de arroz antes de entrar em cam-

po. Esse ato pouco conseguiu ludibriar o público e logo Carlos Alberto passou a ser apelidado de *pó de arroz*. Mais tarde, "o *pó de arroz* acabou passando dele para o Fluminense" (p.58).

De certa forma, a presença de um ou outro preto junto aos grandes times não preocupava os dirigentes dos clubes da alta sociedade. A atuação dispersa do negro, apenas "tapando buraco", não se constituía em uma ameaça para a supremacia branca, já que "somente quando um branco que deveria jogar estava fora, doente ou coisa que o valha, então o preto podia jogar" (p.69).

A pouca participação dos negros não só não representava ameaça como foi utilizada politicamente pela classe alta para ilustrar uma certa supremacia do branco, culto e estudioso. Filho denuncia esse aparelhamento político-racial do futebol pelas elites brancas, quando destaca que

Preto só entrava no *scratch* uma vez na vida e outra na morte....Cada lugar do *scratch* tinha um dono: branco de boa família. A superioridade de raça: da raça branca sobre a raça preta; a superioridade de classe: da classe alta sobre a classe média, da classe média sobre a classe baixa (1947, p.69).

No capítulo seguinte, intitulado "O campo e a pelada", sutilmente o autor percorre os acontecimentos do futebol descrevendo inúmeros episódios ocorridos entre 1910 e 1930.

Com o crescimento da popularidade do futebol e o aumento do número de times, as disputas tomaram-se mais acirradas. A partir desse momento, os confrontos entre as equipes começaram a exigir cada vez mais uma maior preparação técnico-tática e física. Como nessa época não existia profissionalização assumida no futebol brasileiro, as novas exigências acabaram fazendo do futebol um espaço quase que restrito aos jogadores novos, geralmente estudantes com 18, 20, no máximo 25 anos. Esse perfil de atleta tornou-se predominante principalmente porque, para os estudantes, era mais fácil dispor de tempo para treinar. "Ninguém podia mais se iludir. Era a vitória do estudante, do boa vida. O trabalho não combinava com o *foot-ball*" (p.86).

A supremacia desse perfil de jogador sobre os atletas mais velhos, que trabalhavam,

explicitava-se na composição das equipes vencedoras. Do time do Botafogo, campeão de 1910, "só três jogadores trabalhavam, e Coggin e Pullen, com seus vinte e quatro anos, eram os mais velhos de todos" (p.89). O Fluminense, campeão de 1911, da mesma forma "só tinha três jogadores que trabalhavam"; o restante dos dois times era todo composto de estudantes, filhos de "boas famílias", geralmente cursando medicina ou direito. Aliás, "parecia que o horário da Escola de Direito tinha sido feito para jogador de foot-ball." (p. 89)

Enquanto a Escola de Direito ajeitava seu horário de aula visando facilitar ainda mais a vida do estudante/jogador, os pequenos times ou times operários, como também podem ser chamados, por estarem vinculados diretamente às fábricas, como o Bangu, por exemplo, dentro do possível também procuravam facilitar a vida dos seus operários/jogadores, estabelecendo critérios como: operário que joga no time da fábrica tem permissão para sair mais cedo em dias de treino; jogador do time principal possui lugar garantido nas sessões da fábrica onde o trabalho é mais leve e menos cansativo.

A partir do momento em que as fábricas começaram a estabelecer critérios que valorizavam os operários/jogadores, para quem não possuía condição de estudar, o futebol começou a ser visto como um meio bastante promissor para ganhar a vida. Afinal, "o campo era um prolongamento da sala do pano, quem entrava na sala do pano só via jogador do primeiro *team* dobrando fazenda. Devagar, para não se cansar, reservando as suas energias para o treino" (p.91). As notícias sobre a valorização do operário/jogador proliferaram rapidamente, contribuindo para uma popularização crescente do futebol, não apenas como diversão, mas também enquanto possibilidade de sustentação. "Os garotos que jogavam no largo da igreja sabiam que, quando crescessem, se fossem bons jogadores de *foot-ball*, teriam lugares garantidos na fábrica" (P-92).

Apesar das concessões feitas pelas fábricas aos jogadores/operários e de sua popularização, o melhor futebol, o futebol vencedor, continuava ainda com a marca do jogador/estudante: "o Flamengo levantou dois campeonatos seguidos, o de 14 e o de 15, com

um *team* quase todo de acadêmicos de medicina" (p.115). Preso às suas origens elitistas e referendado por esses resultados, criou-se uma espécie de "culto ao estudante", em que ser jogador passou a ser visto como sinônimo de ser estudante; quem não era estudante não servia para jogar futebol. Mesmo o estudante, ao se formar, deveria deixar de jogar; não era socialmente aceitável que um médico ou um advogado formado continuasse a correr atrás de uma bola.

Cooptada pela crença do "culto ao estudante", a liga dos clubes criou medidas para dificultar a participação de quem não fosse estudante nas competições oficiais, através de normas que visavam excluir jogadores pobres, negros e analfabetos. Um dos critérios estipulados para operacionalizar os objetivos de seletividade foi a assinatura em súmula. Somente poderiam participar das disputas jogadores que não fossem analfabetos, que soubessem assinar seus nomes na súmula.

Essa medida dificultou a vida de muitos craques pobres, oriundos dos pequenos times. Muitas vezes, "descobria-se um jogador numa pelada, num clube de subúrbio, saber jogar *foot-ball* ele sabia, não sabia era ler e escrever" (p.III). Mesmo com pouca capacidade de interferência política direta, os clubes pequenos não ficaram passivos a essa norma e logo trataram de dar um jeitinho: contrataram professores especificamente para ensinar os jogadores analfabetos a rabiscarem seus nomes nas súmulas, por mais trabalhoso que isso pudesse ser. Houve casos como o de Pascoal Cinelli que, por possuir letras dobradas no nome, o que dificultava a assinatura, não teve outra saída a não ser trocá-lo para Pascoal Silva, mais comum, mas bem mais fácil de ser rabiscado.

Outra referência feita por Mario Filho que merece destaque trata dos acontecimentos envolvendo Manteiga, um mulato, ex-marinheiro, que inicialmente jogava no pequeno Mauá. O futebol macio e refinado desse mulato, ao estilo de Friedenreich, impressionou os dirigentes do América, que começaram a sonhar com a possibilidade de ver Manteiga vestindo a camiseta desse clube.

Conquistado por propostas sedutoras,

nas quais se incluía um novo emprego, Manteiga deixa de ser marinheiro para aceitar o desafio de jogar em uma equipe da primeira divisão. Porém, para o América, clube da *socialite* carioca, a presença de um ex-marinheiro mulato no time causou uma série de discordâncias entre os jogadores. No final das contas, nove jogadores do clube que faziam parte do primeiro, segundo e terceiro times retiraram-se do clube como protesto à contratação de Manteiga.

A primeira batalha estava ganha, pois, apesar das polêmicas, a grande maioria dos jogadores, 25, permaneceu no clube ao lado do jogador mulato e ex-marinheiro. Mas o racismo e a discriminação social não se restringiam ao interior do gramado. Mesmo conseguindo desenvoltura durante os jogos, era difícil entrosar-se com seus companheiros de clube fora de campo, nas reuniões sociais, nas festas e comemorações após os jogos. 'Acabava o treino, o jogo, Manteiga arranjava um jeito de sair, quase sem ninguém notar' (p.135).

Após a disputa do campeonato de 1921, vencido pelo Flamengo, com um time essencialmente branco, Manteiga viajou com a delegação do América para sua terra natal, a Bahia. Lá seu time fez vários jogos amistosos, nos quais ele foi um destaque constante, sempre alegre dentro e fora de campo. Em Salvador estava entre os seus, sentia-se bem, era "paparicado" até pelos adversários. No momento do retorno para o Rio, Manteiga solicitou ficar mais alguns dias na Bahia para visitar sua família, só que nunca mais apareceu no América. Diferente do Rio, "na Bahia estava em casa... era sua terra, por onde ele passava só via gente amiga".

O ano de 1923 marca o início de uma nova era no futebol brasileiro. A partir desse momento, a supremacia branca não mais iria reinar facilmente. Essa mudança teve como indicador um fato: o Vasco da Gama, que acabara de sair da segunda divisão, surpreendentemente consagrou-se campeão carioca com um time composto basicamente por jogadores negros, mulatos e brancos semi-analfabetos. O título conquistado pela "boa mistura portuguesa", como ficou conhecido esse time, foi decisivo para as mudanças que iriam começar a aparecer no futebol. Após a conquista do

campeonato pelo Vasco da Gama, Mario Filho comenta que "desaparecera a vantagem de ser de boa família, de ser estudante, de ser branco. O rapaz de boa família, o estudante, o branco, tinha de competir em igualdade de condições com o pé-rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto para ver quem jogava melhor" (p. 152).

No terceiro capítulo do livro, denominado "A revolta do preto", Mário Filho preocupa-se em demonstrar as estratégias que a elite branca utilizou para tentar manter o controle sobre o futebol.

Após a conquista do Vasco da Gama, em 1923, o fantasma do negro e do pobre estava à solta. Preocupados, os grandes clubes uniram-se no ano seguinte, 1924, e fundaram uma nova associação, sem a participação do Vasco. O objetivo central dessa nova liga, a Amea, era devolver ao futebol seus traços de origem: este deveria ser um esporte eminentemente amador e praticado majoritariamente por brancos, de famílias da classe média ou alta.

Para conseguir seus objetivos, a nova liga fez uso de diversas estratégias visando conter a ascensão do pobre e o sucesso dos pequenos times populares. Para as decisões internas da liga, estipulou critérios de votação que, explicitamente, beneficiavam as grandes equipes. Um voto por cada modalidade de esporte que o clube possuísse ou ainda o direito a cinco votos para os clubes fundadores da liga eram critérios que reforçavam a desigualdade entre os clubes. O Fluminense, por exemplo, tinha direito a 10 votos, enquanto a outros pequenos times cabia apenas um voto.

A preocupação em manter o controle político sobre os rumos do futebol não se restringiu apenas ao controle interno da liga. A vigilância estendeu-se para a esfera individual dos jogadores. Um dos princípios fundamentais defendidos pela Amea era o amadorismo puro e absoluto; assim não era mais permitido existir nenhuma forma de recompensa financeira direta aos jogadores. Estes deveriam comprovar suas rendas, ser estudantes, filhos de famílias com posses materiais ou ter um emprego comprovado. A súmula sofreu alterações significativas, deixando de exigir apenas a assinatura do jogador. Procurando ser mais rígida na fiscalização sobre o critério que

não permitia que analfabetos jogassem, "a papelada de inscrição tornou-se quase um exame de primeiras letras. Uma porção de perguntas: nome por extenso, filiação, nacionalidade, naturalidade, dia em que nasceu, onde trabalha, onde estuda, etc." (p.158).

Apesar do aperfeiçoamento das estratégias usadas para proteger os grandes clubes contra qualquer surpresa, o controle absoluto parecia mesmo impossível. Com um time de mulatos, brancos e pretos, utilizando-se de treinos físicos intensos, da vontade e do orgulho de seus jogadores, o até então humilhado São Cristóvão repetiu a façanha que o Vasco havia realizado em 23, sagrando-se campeão em 1926.

Os jogadores de cor desse time possuíam características novas que os diferenciavam da maioria dos jogadores de cor que atuavam nos grandes clubes. No São Cristóvão, "os mulatos e os pretos ... Sentiam-se mais mulatos e pretos, orgulhando-se disso" (p. 187).

Outro fato relatado pelo autor, que reforça a perspectiva da formação de uma nova postura do negro no cenário do futebol, refere-se ao acontecimento que envolveu o mulato Feitiço e o presidente da república Washington Luis. NO jogo entre o *scrath* paulista *versus* o *scrath* carioca, ocorrido em 13 de novembro de 1927, o presidente Washington Luis, que não entendia muito de futebol, mas estava no estádio, tentou interferir no desdobramento do jogo, que estava paralisado, ordenando que o mesmo prosseguisse. Feitiço, que nem capitão do time era, indignou-se com tal interferência e, com gesto corajoso, liderou a retirada de campo de todo o *scrath* paulista, deixando o presidente furioso.

Para Mario Filho, o gesto ousado de Feitiço, um mulato que mal sabia rabiscar seu nome na súmula, indica o surgimento de uma nova postura assumida pelos pobres, mulatos e negros. Diferente de Manteiga, Feitiço não se intimidava dentro nem fora de campo, gostava de ser líder e de se expor publicamente. Quando entrava em campo, fazia questão de conferir sua reputação:

"Estufava o peito, enpinava o queixo ....Ia logo levantando os braços, apertando as mãos por cima da cabeça, como um *boxeur* depois de um *knock-out*, pedindo palmas, que-

rendo mais palmas. Quanto mais palmas batiam para ele, mais ele corria em campo" (1947, p.200).

No jogo internacional do *scrath* brasileiro de 24 de junho de 1928, Feitiço, mais uma vez, arrasou. Na vitória brasileira contra os escoceses, de 5 a 0, marcou 4. Após essa atuação, a imprensa esportiva internacional elegeu-o "Imperador do *Foot-ball*". No dia seguinte, os jornais estamparam na capa a seguinte manchete: "A Europa se curva mais uma vez ante o Brasil. Embaixo da *manchete*, um *clichê* de Feitiço de coroa e tudo, enchendo a pagina" (p.199).

A postura de liderança, de pessoa pública, aliada ao excelente futebol, fez de Feitiço uma espécie de símbolo, de marca de respeito do negro dentro do futebol brasileiro.

O quarto e último capítulo é denominado pelo autor "A ascensão social do negro". Neste, Mario trata de vários assuntos, entre eles a vida de alguns jogadores.

Entre os jogadores comentados pelo autor, destacam-se Domingos da Guia e Leônidas: o primeiro, por sua postura discreta, séria e por sua maneira de jogar que lembrava o estilo britânico clássico, respeitosamente era chamado de professor, mestre ou mesmo doutor. Como descreve o autor, Domingos parecia "um inglês preto, de fala macia, arrastada como o seu passo de malandro, mais inglês, porém, do que os ingleses brancos que o torcedor conhecia" (p.278). Já Leônidas, que ficou conhecido como o Diamante Negro, sempre fez o estilo mais popular, tanto fora como dentro de campo. Com sua postura mais próxima aos torcedores, em 1938, quando já atuava no Flamengo, Leônidas ganhou o concurso Magnolia, sendo escolhido pelo público como o craque do ano, com 249.080 votos.

A ascensão do profissionalismo é outro tema que recebe do autor um destaque especial. Com posturas mais ousadas, os negros e pobres começaram a não mais se contentar apenas em serem aceitos nos times. Tendo como referência os países da Europa, a proposta do profissionalismo explícito começou a ganhar adeptos, principalmente entre os jogadores pobres. Enquanto o profissionalismo não era assumido, muitos jogadores transferiam-

se para o futebol Europeu. A Espanha e a Itália estavam entre os países preferidos. Este último passou a ser chamada pelos jogadores do Brasil, Argentina e Uruguai de o "eldourado" do futebol.

A saída de jogadores para a Europa, no início dos anos 30, começou a causar um medo generalizado nos clubes brasileiros. O perigo da evasão de craques para o exterior contribuiu para a adesão de alguns clubes à idéia do profissionalismo. O Fluminense, clube bastante elitista, que há 8 anos não ganhava nenhum título, foi um dos pioneiros em aceitar a tese da implantação de um profissionalismo escrachado. Essa hipótese parecia não ser tão ruim para os dirigentes do time pó de arroz, já que com ela se criava uma espécie de relação pa-trão-empregado envolvendo clube e atleta em que "o clube pagava, toma lá, dá cá. O jogador ficava no seu lugar" (p.245). Aos poucos, a tese do profissionalismo foi-se alastrando, e os clubes foram aderindo, alguns mais cedo, outros um pouco mais tarde.

A implementação do profissionalismo não foi suficiente para acabar totalmente com a discriminação racial no futebol. O Fluminense, por exemplo, por um bom tempo, no momento de optar, continuou preferindo um branco a um mulato e um mulato a um preto. Apesar disso, o autor não deixa dúvidas quanto à contribuição da profissionalização para diminuir a discriminação sócio-racial de nosso futebol, salientando:

"A paixão do povo tinha de ser como o povo, de todas as cores, de todas as condições sociais. O preto igual ao branco, o pobre igual ao rico. O rico paga mais, compra uma cadeira numerada, não precisa amanhecer no estádio, vai mais tarde, fica na sombra, não apanha sol na cabeça, mas não pode torcer mais do que o pobre, nem ser mais feliz na vitória, nem mais desgraçado na derrota" (1947, p.293).

Ao término do estudo desse livro, sobressaiu, em meu pensamento, a frase dita pelo antropólogo Anatol Rosenfeld, ao declarar que "'o futebol foi sua porta de acesso à cultura brasileira"<sup>2</sup>. O conteúdo dessa obra significa a

materialização dessa frase. Mario Filho não escreveu apenas um livro sobre futebol; escreveu, sim, um clássico sobre a cultura brasileira.

Por último, esta leitura é propícia para esclarecer por que Mario Filho sempre foi tão irônico, tão crítico com os saudosistas, aqueles passadistas, que só lamentam as alterações ocorridas no futebol e visualizam no futebol do passado o esporte ideal. Afinal, como diz o autor no início do livro, curiosamente, os saudosistas são sempre brancos, nunca pretos.<sup>3</sup>

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FILHO, M. *O negro no foot-ball brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmão Pongetti Editores, 1947.

\_\_\_\_\_. *O sapo de arubinha: os anos de sonho do futebol brasileiro*. São Paulo, Companhia das letras. 1994.

ROSENFELD, A. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo, Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, Campinas, 1993.

#### NOTAS

<sup>1</sup> Impresso pela última vez em 1964, esse livro foi considerado por Gilberto Freyre como o maior clássico do futebol brasileiro e foi reeditado pela Editora Fumo em 1994.

<sup>2</sup> Frase citada por Carone Modesto no prefácio do texto *O Futebol No Brasil*, de Anatol Rosenfeld, no livro *Negro, macumba e futebol*.

<sup>3</sup> Na crônica *O saudosista*, publicada no livro *O sapo de arubinha*, o autor retoma o tema dos saudosistas e ironicamente debate os argumentos que estes utilizam.

#### UNITERMOS

*História do Futebol - Racismo - Profissionalismo*.

Por Luiz Carlos Rigo,  
Professor Assistente da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas.